

---

## A Pós-verdade no Discurso Bolsonarista Contra a Imprensa<sup>1</sup>

Sabrina Franzoni<sup>2</sup>

Juliana Coin Raimundo<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

### RESUMO

A partir da percepção dos sentidos construídos no discurso enunciado, o objetivo deste estudo é compreender de que forma as postagens do vereador Carlos Bolsonaro, em seu *Twitter*, acionou estratégias da pós-verdade para reforçar narrativas anti imprensa. Na parte teórica, as noções de pós-verdade (DUNKER, 2017), efeito de verdade (CHARAUDEAU, 2007), e a definição de jornalismo (ALSINA, 2009; HALL et al, 1999; TRAQUINA, 2005, 2008; TUCHMAN, 1999) foram importantes para dar sustentação a pesquisa. Através de uma análise qualitativa (ALAMI et al, 2010), foram observados sentidos discursivos, nos *tweets* bolsonaristas, que apontam para uma orientação de identidade de grupo e de descredibilização do papel do jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** pós-verdade; bolsonarismo; jornalismo; discurso.

### INTRODUÇÃO

Este estudo analisa o discurso contra jornalistas no ambiente virtual, através do conceito de pós-verdade, percebendo os sentidos construídos no discurso enunciado. A análise foi feita em um *corpus* de 60 *tweets* postados por Carlos Bolsonaro, que é vereador do Rio de Janeiro, eleito pelo partido Republicanos, em seu quinto mandato e filho do presidente Jair Messias Bolsonaro.

Carlos Bolsonaro, apesar de ser vereador, tem participação ativa em Brasília, o que uma reportagem do El País<sup>4</sup> define como seu segundo lar e o papel chave dele no Governo. Com atuação estratégica na campanha em 2018, ele é acusado de chefiar o chamado *Gabinete do Ódio*, também conhecido como uma espécie de Secretaria de Comunicação informal do Governo de Jair Bolsonaro, que atuaria dentro do próprio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Informação. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e-mail: [franzoni@unisinobr](mailto:franzoni@unisinobr).

<sup>3</sup> Jornalista. Graduada em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e-mail: [ju.coin@hotmail.com](mailto:ju.coin@hotmail.com)

<sup>4</sup> O “Governo feito a dez mãos” de Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://bit.ly/3A1SY3b>. Acessado em: 22/07/2021.

---

Planalto. O vereador chegou a ser interrogado pela Polícia Federal em 2020 no inquérito sobre atos antidemocráticos, que teria como um dos pilares a atuação do gabinete paralelo comandado pelo parlamentar.

Em 18 de outubro de 2018, a jornalista Patrícia Campos Mello escreveu a matéria “Empresários bancam campanha contra o PT pelo *WhatsApp*”<sup>5</sup>, que mostrava como empresas compraram pacotes de disparos de mensagens no *Whatsapp* com propagandas de desinformação contra o Partido dos Trabalhadores, o que violava a legislação eleitoral uma vez que eram doações não declaradas. Não demorou muito para que essa matéria circulasse entre o público bolsonarista e transformasse a jornalista em alvo. Ela contou no livro *A máquina do ódio*, publicado em 2020, sua trajetória desde a apuração da reportagem. Dos linchamentos virtuais até as ameaças contra a vida, o nome da jornalista entrou para a lista de profissionais de comunicação que sofreram violência apenas por estarem fazendo seu trabalho.

Segundo relatórios da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas)<sup>6</sup>, em 2018 foram 135 ocorrências de violência contra profissionais da imprensa. Em 2019, o número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas chegou a 208, um aumento de 54,07% em relação ao ano anterior. Em 2020, como o próprio relatório aponta, houve uma verdadeira explosão da violência contra jornalistas e contra a imprensa de um modo geral: 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019.

No último relatório publicado pela FENAJ, referindo violências de 2020, o presidente é apontado como o principal agressor. “Sozinho foi responsável por 175 casos (40,89% do total): 145 ataques genéricos e generalizados a veículos de comunicação e a jornalistas, 26 casos de agressões verbais, um caso de ameaça direta a jornalistas, uma ameaça à TV Globo e dois ataques à FENAJ (VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS, 2021, pg 4).

Mello (2020, pg 92) foi enfática: “Quando um ataque vem do topo da hierarquia, ele funciona como uma autorização”. Além disso, a postura de Bolsonaro é descrita como

---

<sup>5</sup>Empresários bancam campanha contra PT no *WhatsApp*. Disponível em: <https://bit.ly/3xk4Qvu> Acesso em: 13/08/2020.

<sup>6</sup>Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil Relatório 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2VnrHZZ>. Acesso em: 14/03/2021 Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Vl9xF8>. Acesso em: 14/03/2021 Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil Relatório 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3A3RIwG>. Acesso em: 14/03/2021.

---

não condizente com o cargo, e que suas ações servem de incentivo para que a violência contra jornalistas vire prática. “A explosão de casos está associada à sistemática ação do presidente da República, Jair Bolsonaro, para desacreditar a imprensa e à ação de seus apoiadores contra veículos de comunicação social e contra os jornalistas” (VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS, 2021, pg 6).

Entre boicote por cancelamento virtual, redução de investimentos e desacreditização do jornalismo, ainda existem os ataques diretos. Muito do que Patrícia Campos Mello viveu - e continua vivendo - tem orientação não apenas contra a imprensa, mas também de violência de gênero. À época das campanhas presidenciais de 2018, *hashtags* como #JornalistaProstituta e #JornalistaDaOFuro cresceram e se popularizaram na comunidade bolsonarista.

No dia 3 de maio de 2020, a equipe do jornal O Estado de São Paulo foi agredida com chutes, empurrões e rasteiras por simpatizantes de Bolsonaro. A violência aconteceu em frente ao Palácio do Planalto, durante um ato em apoio ao governo. Jornalistas de outros veículos também foram hostilizados por participantes do protesto: segundo o Portal G1<sup>7</sup>, houve agressão e ofensa a integrantes de equipes da Folha de S. Paulo, do O Globo e do Poder360.

Pouco mais de um ano após o ocorrido, em 23 de maio de 2021, o jornalista Pedro Duran, da CNN Brasil, teve que ser escoltado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro depois de ser hostilizado durante ato em apoio ao presidente. Cerca de um mês antes desse evento, no dia 20 de abril, o Brasil havia caído quatro posições no ranking de liberdade de imprensa produzido pelo Repórter Sem Fronteiras<sup>8</sup>, entrando para a zona vermelha. O nível de liberdade de imprensa produzido pela entidade é orientado por cores, onde países com cor branca tem situação muito boa para fazer jornalismo, amarela possui uma situação boa, laranja é problemática, vermelha é difícil e preta muito grave.

O que aconteceu com Patrícia Campos Mello, as equipes da Folha de S. Paulo, do O Globo e do Poder 360 e Pedro Duran tem em comum é que além de serem jornalistas exercendo sua profissão, todos foram vítimas de uma orientação impulsionada pela

---

<sup>7</sup> Profissionais de imprensa são agredidos durante manifestação antidemocrática com a presença de Bolsonaro. Disponível em: <https://glo.bo/3fi5a87>. Acessado em: 04/06/2021.

<sup>8</sup> Brasil cai quatro posições em ranking de liberdade de imprensa e fica em zona vermelha. Disponível em: <https://glo.bo/3s0HHxv>. Acessado em: 03/03/2021.

---

descredibilização e desvalorização do papel do jornalista. Campanhas virtuais de cancelamento tem propagação fácil, e possuem um discurso repleto de significados subliminares.

A intenção é refletir sobre a construção da violência contra jornalistas a partir de ataques específicos de uma figura pública. Essa violência, num plano mais amplo, se dá por diversos fatores políticos e culturais, mas neste estudo teremos uma lupa sobre apenas uma vertente dessa violência, através da percepção da atuação de um parlamentar, em uma rede social, analisando o discurso através das postagens no *Twitter*.

## O JORNALISMO E SEU PERTENCIMENTO

Para compreender o impacto das agressões aos jornalistas e a própria democracia, é necessário entender o funcionamento dessa comunidade interpretativa que são os profissionais da imprensa e situar o campo da produção, apuração e sistematização dos acontecimentos-notícias.

As notícias são construídas como narrativas que tem a realidade como parâmetro. Para Traquina (2005), o jornalismo é um conjunto de estórias: de vida, de estrelas, de triunfo e de tragédias, onde os membros da comunidade jornalística veem os acontecimentos como “estórias”.

Nesta mesma linha, Hall et al (1999) explica que “as notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL et al, 1999, pg 224). Para o autor, essas escolhas estão condicionadas pelos critérios de noticiabilidade, que segundo ele, embora não estejam escritos em nenhum lugar, formalmente transmitido ou codificado, são partilhados entre a comunidade jornalística e constituem um elemento essencial na socialização profissional, prática e ideologia dos jornalistas.

Vivemos em uma sociedade complexa, com acontecimentos desordenados. Hall et al (1999) explica que os acontecimentos precisam ser identificados e inseridos em seu determinado contexto. A identificação e contextualização é um dos mais importantes para o autor, já que é através dele que os acontecimentos ganham importância e significado pelos *media*. Um acontecimento só faz sentido se foi possível colocá-lo nesse espaço de

---

conhecimento e identificação cultural e social. O papel dos *media* também é de trazer os acontecimentos ao campo dos significados, reportar para os mapas de significado que já constituem a base do nosso conhecimento cultural “no qual o mundo social já está traçado”. (HALL et al, 1999, pg 226).

Os acontecimentos, enquanto notícias, são regularmente interpretados dentro de enquadramentos que derivam, em parte, da noção de consenso, enquanto característica básica da vida cotidiana. Hall et al (1999), explica que é através da elaboração de uma variedade de explicações que imagens e discursos se articulam entre o público, definindo supostamente o que a sociedade deve pensar e saber sobre si. O enquadramento e a função interpretativa da apresentação noticiosa pode estar no fato dos *media* apresentarem com frequência informações de acontecimentos que ocorrem fora da experiência direta da maioria da sociedade. O autor complementa que a notícia está repetidamente relacionada com acontecimentos que são novos ou inesperados, e que são selecionados pela comunidade jornalista. Sendo assim, os *media* definem para a maioria da população “os acontecimentos significativos que estão a ter lugar, mas também oferecem interpretações poderosas acerca da forma de compreender estes acontecimentos” (HALL et al, 1999, pg 228).

Alsina (2009) aponta que a produção do jornalismo da atualidade se articula através de gêneros, como notícias e temas da atualidade. Para o autor, a validade do discurso informativo passa pela credibilidade do veículo e do próprio jornalista, que se estabelece por meio de um “contrato pragmático fiduciário” (ALSINA, 2009, pg: 156), que pretende que acreditemos que o que é veiculado pelos meios de comunicação é verdade.

O jornalismo é como um mecanismo de produção, que agrega comportamentos em comum que os *media* conduzem uma lógica de comunidade, com sua própria linguagem, formas de captar e trabalhar informações, além de desenvolver sua autocrítica. Assim, os jornalistas estariam inseridos numa “comunidade interpretativa” (TRAQUINA, 2008) que, gradualmente, estabelece novos parâmetros e repensa sua produção, a fim de melhorar continuamente o fazer social que é necessário na profissão.

A comunidade se baseia em comportamentos e estratégias internalizadas para o fazer e o viver jornalísticos. Gaye Tuchman (1999), apresenta a objetividade dos jornalistas enquanto um atributo do comportamento jornalístico. Para a autora, os

---

jornalistas podem mitigar pressões contínuas como os prazos, os possíveis processos de difamação e as repressões antecipadas dos superiores, com a argumentação de que o seu trabalho é objetivo.

Ao analisar o conteúdo e as relações interorganizacionais, Tuchman (1999) descreve que o jornalista só pode invocar seu *news judgment*<sup>9</sup>, apesar de poder reivindicar a objetividade, citando os procedimentos que utilizou ao longo da produção e que exemplificam os atributos formais de uma notícia ou de um jornal. Para a autora, três fatores influenciam a noção de objetividade dos jornalistas: a forma, as relações interorganizacionais e o conteúdo. Além disso, é importante citar que os jornalistas e as empresas estão sujeitos a processos judiciais, impetrados por alguém que se sinta prejudicado, por falhas na apuração jornalística.

Apesar da pressão no cumprimento da profissão, é importante ter em mente o que os jornalistas, ao produzirem sua definição de realidade social, constroem também uma imagem particular de sociedade que representam interesses específicos de classes específicas. “Os que governam, governam também através das ideias”. (HALL et. al., 1999, pg 231). Nas instituições sociais, políticas e legais, a coerção e o constrangimento nunca são completamente ausentes. Desta forma, os jornalistas também vão estar sujeitos a pressões econômicas e legais, estando também disponíveis à censura.

Para Traquina (2008), os jornalistas possuem uma maneira de agir, uma maneira de falar e uma maneira de ver como uma capacidade performativa da profissão, saberes que acompanham os jornalistas no fazer diário. Na prática discursiva, os jornalistas se apoiam em valores-notícia que se tornam hábitos mentais de avaliação do que é ou não notícia. Uma comunidade profissional que tenta incansavelmente compreender e traduzir a realidade.

## **A PÓS-VERDADE: UM CONCEITO CONTEMPORÂNEO**

É preciso passar por algumas noções para compreender a construção de um discurso pós-verdadeiro. Para isso, acionamos três analistas de linguagem: Benetti (2016), Charaudeau (2007) e Dunker (2017).

---

<sup>9</sup> São regras fixas para o exercício do julgamento do que é notícia, que auxilia a definir o que é noticioso e merece destaque. Disponível em: <https://bit.ly/3lm5Qgl>. Acesso em: 05/05/2021

---

Para Benetti (2016, pg 236), “o homem é um ser de linguagem e se constitui como sujeito ao pensar, sentir, se expressar e se relacionar com outro”. Para a autora, a linguagem é constitutivamente dialógica por ser impossível sem interação. Logo, a palavra orienta para alguém, e este alguém pressuposto existe numa relação social com o sujeito falante.

O discurso, ainda segundo Benetti (2016), acontece no espaço entre os sujeitos, e por isso ele é efeito de sentidos entre interlocutores. “A linguagem não é transparente, e sim opaca, pois seu funcionamento não é evidente para os sujeitos que a utilizam” (BENETTI, 2016, pg 239). A autora compreende o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos, isto é, como um discurso: (a) dialógico; (b) polifônico; (c) opaco; (d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e (e) elaborado segundo condições de produção próprias e rotinas particulares.

Benetti (2016), ao demonstrar que o discurso depende dos sujeitos para existir, indica que as características de opacidade, de não transparência e de interpretações múltiplas colocam em xeque a visão ingênua de que o discurso jornalístico poderia conter uma “verdade intrínseca” ou uma “literalidade”. A autora defende que assumir a intersubjetividade como um dos pressupostos do jornalismo leva-nos a reconhecer que o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo direcione a leitura para um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer.

Charaudeau (2007), outro analista da linguagem, aponta que o discurso está sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua. “Resulta na combinação das circunstâncias, em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala” (CHARAUDEAU, 2007, pg 40).

Como diz Charaudeau (2007), não se deve confundir valor de verdade e efeito de verdade. Logo, se faz necessário entender como o jornalismo legitima seu discurso como verdadeiro. O autor descreve que o efeito de verdade surge da subjetividade do sujeito em relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas. O efeito de verdade é baseado em convicções participa de um movimento que se prende a um saber de opinião, a qual pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos. "Efeito de

---

verdade não existe, pois, fora de um dispositivo enunciativo de influência psicossocial" (CHARAUDEAU, 2007, pg 49).

O traço maior da subjetividade em tempos de pós-verdade é exatamente a aptidão para inversão sem transformação. Para Dunker (2017), essa inversão vai da posição “pós-moderna” para a posição “pós-verdadeira”, sem que ambas entrem propriamente em conflito. “Esse ponto de torção do sujeito define diferentes modalidades de subjetivação e de subjetividade, que são o efeito e o produto desse trabalho de oposição sem contradição”. (DUNKER, 2017, pg 9).

Segundo Dunker (2017), para os antigos a verdade possuía três conotações: revelação grega (*aletheia*), uma lembrança esquecida da precisão latina do testemunho (*veritas*) e ainda a confiança judaico cristã da promessa (*emunah*). Dessa forma, a verdade apresenta três opostos diferentes: a ilusão, a falsidade e a mentira. A pós-verdade seria uma quebra entre esses três regimes de verdade, ela reforçaria seus opostos e sua estrutura de ficção. Dunker (2017, pg 18 e 19) descreve que “o fio de ficção possui dois ramos de alimentação que são precisamente as duas condições excluídas por Descartes no século 17 e retomadas por Freud no século 20: o sonho e a loucura”.

Na contemporaneidade, conforme o autor, podemos datar o nascimento da pós-verdade em 2011, ainda que seu batismo viesse à tona em 2016, na era Trump e no Brasil com a eleição de Bolsonaro. A pós-verdade é uma verdade contextual, que não pode ser escrita e rerepresentada amanhã, como garantia de fidelidade, compromisso e esperança gerada pela palavra.

A pós-verdade está relacionada com a subjetividade da interpretação do indivíduo. Para Dunker (2017) há muitas implicações políticas, morais e institucionais que afetam cotidianamente os laços amorosos e as formas de sofrimento, principalmente na medida em que as pessoas dependem de descrições, nomeações e narrativas. Os novos tempos mostraram ser quase impossíveis construir narrativas de conversão de crenças, de criar pontes entre as pessoas, de uma comunicação empática e construtiva. Segundo o autor, na pós-verdade como discurso, o que impera é o Outro, o inimigo, a diferença como algo ruim.

Para o autor, o primeiro traço da pós-verdade é a aceleração que é um fenômeno da cultura da performance generalizada, e que é potencializada por redes sociais. O segundo traço é que sua retórica é icônica. Cada vez mais lemos a mensagem que o outro

---

nos envia em pacotes de informações, compostos por imagens e textos, que se apresentam como um "todo de uma vez" (DUNKER, 2017, pg 29). O terceiro traço discursivo da pós-verdade é que ela está muito ligada a esquemas de ação e protocolos de funcionamento, acontecendo de forma lógica e estratégica. É preciso saber, e de preferência de modo objetivo e rápido, o que o Outro quer em determinada situação. É o que se poderia chamar de vida em formato de demanda.

Segundo Dunker (2017), cada indivíduo prefere permanecer com iguais, que tenham o mesmo sistema de crenças, do que construir novas interpretações e visões. Os sujeitos não dividem o mesmo espaço porque acreditam que o Outro é inimigo, é errado, é diferente, é tudo que ele não é. O autor ainda acrescenta a relação entre dois afetos: o ódio e a vergonha. O ódio é conhecido como a separação com relação ao outro. “Nesta nova onda de ódio generalizado, ódio informe, ódio sem causa, é que o ódio perdeu sua eficácia separadora” (DUNKER, 2017, pg 33). Além do ódio, o sentimento de pertencimento também está associado à pós-verdade, pois segundo o autor, é muito mais fácil de constituir, grupos baseados no ódio contra um inimigo comum.

Para finalizar, o autor associa a pós-verdade a ação de ignorar as informações que possuam credibilidade, ou que possuam pouca (uma notícia meio falsa, uma informação meio correta). Dunker (2017), alerta que os discursos preconceituosos doem nos ouvidos de acadêmicos, novas gerações e da própria comunidade oprimida, mas não dói em toda a sociedade como nos grupos conservadores, moralistas ou com preconceitos internalizados.

Bolsonaro e Donald Trump são os grandes representantes de estratégias políticas, que incluíam, entre elas, a disseminação de informações falsas e de pós-verdade. Eles criam “cortinas de fumaça”, distrações permanentes como estratégia para esconder algo ou camuflar. A cor azul para menino e rosa para menina, a alteração da presidência da Petrobrás, o incentivo do uso de cloroquina em detrimento da vacina, são alguns exemplos. Cada ação esconde uma informação que não deve ser prestada atenção, uma forma de apagamento. É através de elementos de linguagem sutis, associando desejos e preconceitos que a narrativa Bolsonarista funciona.

---

## ANÁLISE DOS *tweets*:

Os ataques à imprensa, postados pelo vereador Carlos Bolsonaro, foram mapeados através de buscadores internos do *microblog Twitter*, selecionando as postagens que mencionam a palavra “imprensa” e “jornalismo”, entre o período de 01 de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2020. Para realização da análise adotamos a pesquisa qualitativa (ALAMI et al, 2010).

Como recorte, foram utilizados apenas *tweets* que não possuíam anexos (como fotos ou vídeos) e que não eram em resposta a outras pessoas. Sendo assim, com a delimitação aplicada, resultaram 60 postagens analisadas, sendo que 52 possuem a palavra “imprensa” e 8 a palavra “jornalismo”. A análise foi organizada a partir de dois Núcleos de Sentido principais: a Construção para Si, a Construção do Outro.

No primeiro, a **Construção para Si**, os *tweets* são agregados por promoverem sentidos de proteção da comunidade bolsonarista, de defesa si e de seus similares, de identidade de grupo, que é o que há de semelhante entre os integrantes da comunidade e o que é diferente deles, e a distorção da narrativa da imprensa, quando há uma tentativa de orientar um tipo de interpretação da realidade que não condiz diretamente com os fatos.

O segundo, a **Construção do Outro**, os *tweets* tratam sobre os ataques de Carlos Bolsonaro a jornalistas e ao jornalismo. Este núcleo agrega os sentidos de indiferença ao que é jornalístico, o ódio através dos ataques diretos, o silenciamento ao tentar apagar a importância da imprensa, e a desestabilização, quando descredibiliza o jornalismo.

Durante a análise foi possível identificar trechos destes *tweets* que podem ser associados a cada Núcleo de Sentido, onde 20 trechos deles podem ser associados à **identidade de grupo**, 39 apresentaram **distorção da narrativa principal**, 17 apresentaram sentido de **indiferença**, 21 apresentaram expressões de **ódio**, 3 promoveram estratégias de **silenciamento** e 27 mostraram **desestabilização**. A soma destes sentidos ultrapassa o número de 60 *tweets*, porque um *tweet* pode apresentar mais de um sentido. Inclusive, muitas vezes o mesmo trecho pode ser utilizado pra associar diferentes sentidos de interpretação.

Uma das formas de interpretar o núcleo de sentido da **Construção de Si** é a construção da **Identidade de Grupo**, onde Carlos associa temas, práticas,

---

comportamentos e discursos ao que é próximo aos seus seguidores, da comunidade que o acompanha. É uma combinação de fatores que auxiliarão a percepção da comunidade, sempre projetando efeitos alusivos à violência, velados ou não.

O Presidente diz que se eu quisesse um Ministério assim o teria, algo que não acontece. Tenho interesses apenas que o Brasil dê certo. Então surge parte da imprensa alegando que tenho interesses na SECOM. Segunda-feira e a manipulação boçal começa a mil por hora. É cada uma!

Quando ele diz que "Tenho interesses apenas que o Brasil dê certo" ele cria o sentido de que faz parte do grupo de pessoas que querem que o país dê certo e que existem outros que torcem para que dê errado. Com isso, indicando aos seus seguidores de que lado se coloca, fazendo uma associação a um préexistente discurso nacionalista.

Também podemos observar a **distorção da narrativa** neste *tweet*, quando ele traz informações muitas vezes noticiosas acompanhadas de uma “reinterpretação”. O sentido da informação é alterado e enquadrado conforme lhe convém, sendo esta uma das percepções da pós-verdade: ela não é inteiramente uma mentira. Quando ele diz que “Então surge parte da imprensa alegando que tenho interesses na SECOM.”, ele não está mentindo. A imprensa realmente disse isso baseado nos comportamentos do parlamentar, que, como mencionado na introdução, alimentava uma relação com o Planalto - e muitas vezes atacava a comunicação do mesmo. Entretanto, ele distorce a narrativa ao dizer que isto é mentira, que é manipulação, que não há embasamento para essa afirmação.

Ao falarmos da **Construção do Outro**, um dos elementos que Carlos Bolsonaro utiliza na maioria de seus *tweets* é a ironia, a satirização. A ironia usada como **Indiferença** é uma forma de desprezar a comunicação crítica, pois ao mesmo tempo que demonstra indiferença, ele tira a credibilidade e a seriedade da informação jornalística. No exemplo seguinte é possível perceber:

Segunda a imprensa eu sozinho estou mais poderoso que o vapor wave, Kpop, “isentões” todos os balões e fofinhos venezuelanos do mundo juntos!

Para além da ironia com aspas (em “isentões”) ou o exagero em “fofinhos venezuelanos do mundo”, este *tweet* possui algo que relaciona a satirização à identidade

---

de grupo. Em “*Kpop*” ele associa o gênero musical que se popularizou. Quando Carlos Bolsonaro usa a comparação de que “a imprensa o faz mais famoso” que *Kpop*, ele satiriza a percepção dos jornalistas sobre a presença dele enquanto autoridade política. Já o “*vaporwave*”, uma estética popular na rede social *Tumblr* dos anos de 2010, utilizado pela ala conservadora americana no ano de 2019, onde alguns integrantes do governo Bolsonaro tentaram trazer ao país e emplacar da mesma forma.

Assim como a indiferença, sentimentos de **ódio** também unem pessoas. Dessa forma, o vereador faz a manutenção da ideia “inconsciente de inimigo” sem necessariamente expor todo seu desprezo nas outras categorias:

Repórter fica impune e "denuncia" cidadão. Estas prostitutas ideológica\$ que fazem política e jornalismo com as vias retais, tratando a população como lixo e os bandidos com prudência e sofisticação pagarão por seus crimes! Escória!”

Aqui não há barreiras, ele critica sem pormenores. É importante perceber o uso da linguagem ofensiva misógina, como “prostituta ideológica”, para menosprezar o jornalismo. A obsessão de Carlos Bolsonaro em usar linguagem escatológica (“fazem jornalismo com as vias retais”) e associar a imprensa a lixo - e, conseqüentemente, que deve ser descartado, que não serve.

O **silenciamento** é quando o vereador utiliza seus *tweets* para tirar a potência da voz dos jornalistas. Diferente de desacreditar, o silenciamento acontece quando Carlos Bolsonaro afirma que a imprensa não tem prestígio para informar e orienta a silenciar. Como exemplo:

Não desprestígio a imprensa brasileira, parte dela que é responsável pelo próprio desprestígio que vem recebendo da população desde que quis controlar a opinião pública em prol de terceiros. Estão invertendo os fatores. Eles dizem que eu os ataco, mas apenas respondo aos seus.

Essa estratégia é construída em dupla face. Ao mesmo tempo em que ele desacreditar a imprensa, ele tenta manter a imagem de que valoriza a profissão. Em “não desprestígio a imprensa”, ele se coloca em uma situação de ataque. Algo como: não estou querendo dizer isso, estou apenas constatando fatos”, quando, na verdade, não há fato. Há apenas descrédito.

A **desestabilização** se relaciona de forma muito próxima com a distorção da

narrativa porque uma vez que o jornalismo não possui credibilidade e é percebido como fornecedor de informações instáveis, que é uma narrativa subliminar no discurso de Carlos Bolsonaro, é mais fácil construir novas informações ou indicar uma nova interpretação de um fato. Relembrando que a pós-verdade não é necessariamente um texto completamente mentiroso, mas distorcido ou com pequenos aspectos verdadeiros.

Sendo assim, alguns *tweets* de Carlos Bolsonaro constroem a percepção de descredibilizar a imprensa. Em certos momentos a desestabilização descredibiliza de forma muito objetiva e em outros de forma sutil, apenas questiona a credibilidade. O efeito dessas duas formas é uma desestabilização do quão confiável é a imprensa. Um exemplo:

Alguns da imprensa estão revoltados porque Bolsonaro não os dá bola!  
Que tenham a liberdade, assim como qualquer um pode ignorar quando há uma clara tentativa negativa de manipulação! Creio que terão que se acostumar com as redes sociais pois evitam distorções!

Com "Creio que terão que se acostumar com as redes sociais pois evitam distorções!", ele desestabiliza o impacto do jornalismo, uma vez que, pelo seu ponto de vista, o jornalismo não tem o mesmo efeito de poder que redes sociais, principal ambiente habitado pelo bolsonarismo. Por que seus seguidores acreditariam em jornalismo se seu "líder político" afirma que as redes sociais não distorcem informações, são confiáveis? Uma forma explícita de a imprensa distorce e descredibilizar o fazer jornalístico.

Carlos Bolsonaro construiu seu discurso anti jornalismo, motivando a violência e descredibilizando a mídia utilizando de estratégias do discurso pós-verdadeiro, assim ele autoriza pessoas que por alguma razão se identificam com seus pensamentos a fazerem o mesmo. Opiniões semelhantes aproximam as pessoas, e uma figura política autorizando diversas formas de violência através de seu discurso motiva sua comunidade a seguir praticando a mesma narrativa. Assim, ele perpetua a violência contra jornalistas através de estratégias pós-verdadeiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise, foi possível perceber que a violência se propaga em rede, como efeito de manada e que essa é uma das estratégias do discurso pós-verdadeiro construído

---

para reforçar o Bolsonarista e desacreditar o jornalismo. Outro ponto que merece destaque foi a identificação de um padrão, utilizado por Carlos Bolsonaro, na construção seu discurso: primeiro distorce a realidade (a notícia é falsa ou é mentira), vangloriam o próprio trabalho (mostra que o governo está produzindo resultados) e faz sátira com a informação noticiada e previamente negada (dessa forma diminuiu a importância da informação). Nem sempre essa lógica de construção está unida ou na mesma ordem, mas ela sempre está presente, na construção de um discurso que promove o engajamento e propaga a desinformação.

Mello (2020) nos dá alguma esperança. Segundo a autora, algumas ações têm acontecido para que a violência contra jornalistas seja mitigada, mesmo que não diretamente. Por exemplo: plataformas como *Facebook* começaram a trabalhar com agências de checagem para identificar o que é desinformação (principalmente a respeito da pandemia do covid19), o *Whatsapp* limitou o encaminhamento de mensagens, *Twitter* passou a remover postagens que refutam orientações sanitárias, e até Donald Trump foi suspenso da rede social. O *Twitter* também apagou conteúdos de Bolsonaro por terem a potencialidade de colocarem pessoas em risco. No *Youtube*, Olavo de Carvalho foi banido. Em 2020, ao menos 20 estados implementaram ou negociaram aplicações de lei para punir quem dissemina *fake news*. A discussão sobre regulamentação das redes cresce, sendo aos poucos implementada.

A implementação, no cotidiano do fazer-jornalístico, de ações para melhorar a apuração, distribuição e checagem do acontecimento- notícia, numa tentativa de enfrentar a desinformação reforçam o papel social do jornalismo no fortalecimento das democracias. Entendemos que as redes sociais são ferramenta essenciais para a democratização da informação, e não podem ser vistas somente como vilãs nesta situação, apesar de serem utilizadas para a viralização de discursos de ódio e de desestabilização do ambiente midiático. É importante repensar o uso das redes, refletir sobre sua regulamentação, sobre os discursos que se popularizam neste ambiente e problematizar o papel do jornalista na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Os métodos qualitativos**. São Paulo: Vozes, 2010.

---

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

**Brasil cai quatro posições em ranking de liberdade de imprensa e fica em zona vermelha**. G1, 2021. Disponível em: <https://glo.bo/3s0HHxv>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 1. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2007.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e Pós-verdade**. 3. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

**Empresários bancam campanha** contra o PT pelo WhatsApp. Folha de S. Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3xk4Qvu>. Acesso em 13 ago. 2020.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o mugging dos media. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

**Jornalista da CNN Brasil é hostilizado em ato pró-Bolsonaro no Rio**. Poder 360, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3ywcFjf>. Acesso em: 04 jun. 2021.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 294 p.

**Profissionais de imprensa são agredidos durante manifestação antidemocrática com a presença de Bolsonaro**. G1, 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3fi5a87>. Acesso em: 04 jun. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 2 v.

TRAQUINA, Nelson. O QUE É JORNALISMO. *In*: **Teorias do jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, v. 1, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.